



Universidade de Brasília

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

**O TRABALHO DESENVOLVIDO PELO COORDENADOR PEDAGÓGICO
JUNTO AOS PROFESSORES NA REDUÇÃO DA INDISCIPLINA**

Flaviane Santana Oliveira Midrei

Professor-orientador Ms Antônio Fávero Sobrinho
Professora monitora-orientadora Ms Sandra Regina Santana Costa

Brasília (DF), Maio de 2013

Flaviane Santana Oliveira Midrei

**O TRABALHO DESENVOLVIDO PELO COORDENADOR PEDAGÓGICO
JUNTO AOS PROFESSORES NA REDUÇÃO DA INDISCIPLINA**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação do Professor-orientador Ms Antônio Fávero Sobrinho e da Professora monitora-orientadora Ms Sandra Regina Santana Costa.

TERMO DE APROVAÇÃO

Flaviane Santana Oliveira Midrei

O TRABALHO DESENVOLVIDO PELO COORDENADOR PEDAGÓGICO JUNTO AOS PROFESSORES NA REDUÇÃO DA INDISCIPLINA

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

Ms Antônio Fávero Sobrinho - FE/UnB

(Professor -orientador)

Prof. – Dra. Norma Lúcia Neris Queiroz

SEEDF

(Examinadora externa)

Brasília, 18 de Maio de 2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus amigos, Marcelo Noronha e Lucimar Moreira, coordenadores que tanto me ajudaram nessa caminhada, ao meu marido Nizar Midrei, meu maior incentivador e a minha mãe, Cândida Santana, minha eterna professora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu a fé necessária para a conclusão deste trabalho. A minha família, que sempre me deu força e soube compreender meus momentos de ausência. Ao professor Antônio Fávero Sobrinho e à professora Sandra Regina Santana Costa pelo apoio, atenção e dedicação durante o processo de orientação, vocês são maravilhosos!

Aos colegas de trabalho pela colaboração e participação nas pesquisas de campo. A minha amiga Thaís Nascimento pela compressão e apoio. Aos meus filhos, Rafik e Álef, minha maior riqueza.

EPIGRAFE

" Apendi com o Mestre dos Mestres que a arte de pensar é o tesouro dos sábios. Apendi um pouco mais a pensar antes de reagir, a expor - e não impor - minhas ideias e a entender que cada pessoa é um ser único no palco da existência." *Augusto Cury*

RESUMO

Este estudo intitulado “O trabalho desenvolvido pelo coordenador pedagógico junto aos professores na redução da indisciplina” tem como objetivo discutir a questão da redução da indisciplina em uma escola de ensino fundamental da rede pública de ensino do Distrito Federal. Elegemos como objetivo geral analisar como o trabalho do coordenador pedagógico, junto aos professores pode minimizar a indisciplina na escola e como objetivos específicos investigar junto aos professores e aos coordenadores quais são as principais causas da indisciplina em sala de aula; verificar junto aos professores como a formação continuada, promovida pelos coordenadores pedagógicos pode ajudá-los na mediação dos problemas de indisciplina e apontar as principais causas da indisciplina na escola pesquisada. Para fundamentar a análise de dados, utilizamos os referenciais teóricos dos autores: Abramovay (2004), Aquino (2003), Dayrell (2007), Tiba (1996) entre outros. Na metodologia de pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa e o instrumento de coleta de dados: questionário realizado com 10 professores e 2 coordenadores do ensino fundamental. Os resultados deste estudo indicam que: a indisciplina possui diversas causas e que a sua redução depende de todos os envolvidos no ambiente escolar; o trabalho do coordenador pedagógico é de suma importância no auxílio ao planejamento das aulas, na mediação de conflitos e na melhoria da qualidade do ensino. Ao concluir esta pesquisa, constatamos que o grupo de professores espera dos coordenadores pedagógicos que eles continuem desenvolvendo seu papel de formadores, buscando-o por meio de planejamentos, projetos, grupos de estudos, apoio às famílias e que a comunidade escolar tenha sempre como meta principal ofertar uma educação de qualidade de forma ética, competente e participativa.

Palavras-chave: indisciplina, processo ensino aprendizagem, coordenadores pedagógico.

SUMÁRIO

RESUMO	7
INTRODUÇÃO	9
I – REFERENCIAL TEÓRICO	11
1.1 Indisciplina	11
1.2 A formação continuada de professores	17
1.3 O papel do coordenador pedagógico	22
II – METODOLOGIA DE PESQUISA	25
2.1 Contexto da pesquisa	25
2.2 Participantes da pesquisa	26
2.3 Instrumentos de coleta de dados	27
2.4 Procedimentos de coleta de dados	28
2.5 Procedimento de análise de dados	28
III – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE	41

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é de suma importância para o alcance do nosso maior objetivo, que é oferecer uma educação de qualidade. Para que isso ocorra é essencial que possamos reduzir a indisciplina em sala de aula e na escola. Assim sendo, busca-se investigar a questão da indisciplina com vistas à possíveis indicação de soluções didático-pedagógicas para enfrentá-la. Para tanto, o presente estudo concentra o seu foco no trabalho do coordenador pedagógico junto aos professores, por considerá-lo como elemento fundamental para a redução da indisciplina.

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar como o trabalho do coordenador pedagógico, junto aos professores pode minimizar a indisciplina na escola em questão e como objetivos específicos, investigar junto aos professores e aos coordenadores quais são as principais causas da indisciplina em sala de aula; verificar junto aos professores como a formação continuada, promovida pelos coordenadores pedagógicos pode ajudá-los na mediação dos problemas de indisciplina e apontar as principais causas da indisciplina na escola pesquisada.

Os participantes dessa pesquisa foram 12 professores e 2 coordenadores atuantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, que foram escolhidos por terem o menor número de ocorrências disciplinares, podendo assim indicar de forma mais clara o que realmente são atitudes indisciplinadas.

Esta pesquisa está organizada em três capítulos, a saber: I - Referencial Teórico, II – Metodologia da Pesquisa, III – Análise de Dados e Considerações finais. A primeira parte do trabalho apresenta uma breve introdução do trabalho com a delimitação do assunto tratado, o contexto, os objetivos e a justificativa que levou a pesquisadora a escolher o problema a ser investigado.

O primeiro capítulo – Referencial Teórico tem como objetivo apresentar fundamentos para subsidiar a pesquisa. Foram utilizados autores como Tiba (1996), Dayrell (2007), Libâneo (2004) e Aquino (2003) como base para este trabalho. Estes autores conceituam disciplina escolar, mostram os diversos contextos da indisciplina, destacando que a indisciplina é responsabilidade de todos os atores envolvidos no ambiente escolar. Analisam a importância da formação continuada do professor e mostram as mudanças históricas dessa formação e do trabalho pedagógico.

O segundo capítulo - Metodologia da Pesquisa aborda o tipo de pesquisa, a coleta de dados, os instrumentos, o local da pesquisa e os participantes.

Já o terceiro capítulo trata da análise dos dados e da discussão dos resultados realizada a partir dos instrumentos mencionados anteriormente. E por último, foram explanadas as considerações finais sobre o trabalho, apontando os resultados do estudo.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO:

1.1 -Indisciplina

Já há alguns anos percebe-se um aumento do cansaço e das angústias entre os professores. Esse aumento ocorre na mesma proporção em que há o crescimento da chamada indisciplina na escola, pois mediante a experiência profissional da pesquisadora, ao longo de dois anos de atuação como coordenadora pedagógica, é possível afirmar que na escola está presente um crescente aumento das manifestações de frustrações e descontentamentos dos professores em relação à indisciplina. E isso não pode ser analisado de maneira unilateral, pois não ocorre apenas em um segmento escolar. O que se percebe é que, se por um lado os professores têm razões para suas insatisfações, por outro lado os alunos também têm seus motivos para agirem desta ou daquela forma. O resultado desse antagonismo, pode ser percebido através do desestímulo de muitos alunos em aprender e desenvolver suas potencialidades, nas situações de caos quando a bagunça é generalizada, dentro e fora da sala de aula e no consequente desgaste do professor, da equipe pedagógica e da direção. Este, provavelmente, não é um problema vivenciado por uma ou outra escola, mas pela grande maioria.

Um dos grandes problemas vivenciados na escola – a indisciplina – tem sido caracterizado como fonte profunda de estresse nas relações interpessoais, principalmente nas situações de conflito em sala de aula. A indisciplina gera, ainda, dificuldades para o desenvolvimento da aprendizagem, ou vice e versa.

Diante dessa preocupação, é de grande importância discutir o assunto, analisando as possíveis causas das diversas situações de indisciplina e/ou violência ocorridas no interior da escola. Para isso é necessário discutir com mais profundidade o conceito de indisciplina, para que o mesmo seja reconhecido e trabalhado de acordo com os aspectos que o constituem, estendendo esse conceito e discussão, também, para as questões relacionadas à violência escolar, pois a cada dia parece que os limites entre o que se julga indisciplina e o que caracteriza a violência são mais invisíveis.

Ao mesmo tempo em que é necessário e importante conceituar a indisciplina para melhor compreendê-la e buscar alternativas para combatê-la, fica evidente que essa tarefa é complexa, considerando que o conceito de indisciplina escolar é um fenômeno dinâmico diante das rápidas transformações históricas. É difícil estabelecer um conceito de indisciplina escolar, pois a mesma não se caracteriza como um fenômeno estático, que mantém suas características com o passar do tempo. Observa-se que as características da indisciplina escolar vem se modificando rapidamente ao longo dos anos. Hoje está bem diferente daquela que ocorria há algum tempo atrás. As expressões e o caráter da indisciplina apresentam mudanças. Aquino (2003) afirma que a indisciplina, nos dias de hoje, apresenta diferentes expressões, tornando-se mais complexa e “criativa”. “Para os professores, parece ficar cada vez mais difícil de equacionar e resolver o problema de um modo efetivo” (GARCIA, 1999, p.103).

Ainda tecendo esta análise no ambiente escolar, é possível observar sob outro olhar o termo indisciplina. Para os professores, em alguns momentos, a indisciplina é entendida como um conjunto de determinadas contrariedades no cotidiano, resultantes de rupturas efetuadas por alunos, tanto em relação aos acordos formais da escola, principalmente na sala de aula, quanto no que diz respeito às expectativas sobre a conduta dos atores na escola. Por exemplo, desordens, ofensas verbais, atitudes de grosseria, enfim, aquilo que se caracteriza de forma geral, como “falta de respeito”.

A necessidade de compreender o panorama atual, para procurar caminhos e saídas frente aos problemas vivenciados, aumenta continuamente. Para isso, é importante analisar conceitos e refletir sobre o momento em que os problemas de indisciplina se intensificaram até chegarem ao que se observa atualmente.

Entre os autores que discutem a questão da disciplina na escola, Tiba destaca-se por definir que:

A disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. Portanto, ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola. Como em qualquer relacionamento humano, na disciplina, é preciso levar em conta as características de cada um dos envolvidos: professor, aluno e ambiente (TIBA, 1996, p.99).

De forma genérica, o dicionário de Ferreira (2008) define o termo indisciplina como um procedimento, ato ou dito contrário à disciplina. Como complemento o autor define a palavra disciplina como: (1) regime de ordem imposta ou mesmo consentida, (2) ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização, (3) relações de

subordinação do aluno ao mestre, etc. Tanto a palavra disciplina quanto a palavra discípulo, tem origem do termo latino para pupilo que, por sua vez, significa instruir, educar treinar, dando ideia de modelagem total de caráter.

Assim, a palavra disciplina, também é utilizada para indicar, em educação, a disposição dos alunos em seguir os ensinamentos e as regras de comportamento da escola.

Através dessas considerações iniciais, é possível abordar o assunto que tanto preocupa e principalmente, incomoda, professores, pedagogos, diretores e pais: a indisciplina escolar. Se, por disciplina escolar entende-se a obediência a ensinamentos, regras e normas de conduta dentro da escola, então, de uma forma simples, pode-se dizer que o que vai contra a essa obediência, seria classificado como indisciplina. Porém, é imprescindível que se estabeleça uma análise criteriosa sobre o assunto. Não se pode falar de indisciplina sem se referir à questão dos limites.

Muitos educadores, costumam indagar com frequência, como as coisas chegaram ao ponto em que estão agora, quando se presencia inúmeras situações de indisciplina, as quais muitas vezes trazem como resultado, a violência. A escola que tem a tarefa de trabalhar essas normas com seus alunos, muitas vezes se omite, preferindo cobrá-las antes de trabalhá-las e encolhendo-se diante dos problemas surgidos, recusando-se a fazer a sua parte, até por achar que “educação vem de casa”. Essa é uma visão um tanto quanto distorcida. É óbvio que a educação deve começar em casa, mas é importante lembrar-se que ela se solidifica em todos os ambientes em que a criança, o adolescente, o jovem frequentam; e, onde se passa uma grande parte do dia, ou até mesmo, da vida, é na escola; portanto, a escola precisa educar, sim; precisa fazer a sua parte.

Por outro lado, muitos professores acabaram perdendo a autoridade inerente à sua função, até mesmo em consequência de lacunas em sua formação. (DAYRELL, 2007, P. 1211).

E aí está o panorama que se presencia atualmente. Se, em casa, quando se convive com um ou dois adolescentes, muitas vezes os pais não conseguem administrar as diversas situações de conflito, numa sala de aula, com 40 alunos, de diversos padrões de comportamento, tudo torna-se mais complicado.

O que se faz para superar esses conflitos num primeiro momento, é tratar o problema aos gritos e ameaças, como forma de fazer valer a autoridade. Mas, o que se

percebe, é que, por exemplo, numa situação de algazarra, brigas, ofensas e agressões físicas, os gritos e as ameaças têm efeito imediato; porém, mal o professor, pedagogo, coordenador ou diretor vira as costas, tudo recomeça e, na maioria das vezes, intensificado.

Segundo Abramovay,(2004) talvez, o primeiro caminho a ser tentado, deva ser o do diálogo; aqui não se propõe ser “bonzinho”, permissivo, “deixar acontecer para não se envolver”, ou nem mesmo “se queimar” com os alunos. Pelo contrário, trata-se do diálogo sério, “olho no olho”, em que os alunos também são ouvidos e levados a perceber a necessidade de serem responsáveis. É a questão de estabelecer limites, negociar a melhor maneira de alcançar os objetivos a que se propõem, perceber-se como integrantes de um grupo organizado, onde cada um tem seu espaço, seus direitos e seus deveres, e também tem a responsabilidade de respeitar os limites desse espaço para não prejudicar o espaço do outro.

Pode-se dizer que é necessário ensinar os alunos a ter disciplina. E, para isso, é imprescindível que se entenda o que significa ter disciplina, o que significa ser indisciplinado.

Observa-se que esses conceitos variam de acordo com o perfil do professor, com a metodologia que está sendo empregada e, também, com a situação vivenciada. Às vezes, não se diferencia o estudante indisciplinado daquele que enfrenta alguma dificuldade de natureza interna ou externa à escola; há crianças e adolescentes que não conseguem ficar calados por muito tempo, há as situações de transtornos de comportamentos e hiperatividade; há os problemas particulares interferindo na vida de cada um. É preciso que se conheça os alunos para definir a forma com que se irá trabalhar com eles. É imprescindível esse “olhar a mais” para os alunos, assim como é necessário avaliar o conjunto todo: o espaço físico (que nem sempre é adequado e não pode ser mudado), a receptividade dos alunos às aulas e ao professor, as metodologias utilizadas, os conteúdos trabalhados e também, as relações interpessoais. Como está se desenvolvendo o relacionamento professor-aluno, aluno-aluno, tanto dentro da sala de aula, quanto na escola como um todo.

É possível perceber, quase que em todas as escolas, que parcela significativa de professores conseguem trabalhar bem suas aulas, não enfrentando os problemas de indisciplina que os outros vivenciam.

Pode-se, então, concluir que a postura do professor em sala de aula, a forma como olha para e se relaciona com seus alunos é o diferencial; com certeza, esse professor também vivencia conflitos em suas aulas, mas faz a mediação desses conflitos de forma a destacar o aspecto positivo dos mesmos; sim, todo conflito é positivo se for encarado como forma de insatisfação a alguma coisa que precisa ser mudada ou melhorada. Por isso, eles sempre estarão presentes, resolve-se um conflito e logo surge outro; isso é próprio da dinamicidade que deve permear a sala de aula e os ambientes de convivência, de modo geral.

Além das questões relacionadas à indisciplina, a escola vivencia atualmente um grande desafio: como agir diante da violência cada vez mais presente em seu interior? É certo que os professores não se sentem preparados para encarar tais desafios. Afinal, muito pouco se conhece sobre esses enfrentamentos.

Parece que, atualmente, o conceito de indisciplina foi naturalmente incorporado ao de violência. Além desses termos, outros, mais modernos, mas que se referem a antigos problemas, surgem para fazer parte desse conjunto, como *o bullying*.

Em relação ao termo bullying, Fante (2005) estabelece que:

Bullying é uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão. Por definição universal, bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying (FANTE, 2005, p. 27 – 29).

Analisando esses conceitos, percebe-se, facilmente, que os mesmos estão interligados. Às vezes, na rotina da escola, uma ou outra situação pode passar despercebida. Além disso, como já foi exposto, há uma resistência por parte da escola em admitir o termo violência, colocando todos os conflitos que ali aparecem como questões de indisciplina. Porém, a mídia em geral vem mostrando à toda população as situações violentas ocorridas no interior de inúmeras escolas, não apenas de outros países, mas também do Brasil, e que têm se intensificado de forma alarmante. Aos

poucos, tomando conhecimentos de alunos, professores, funcionários, vítimas de agressões dentro das escolas e, muitas vezes, vítimas fatais, a comunidade escolar tem assumido que a violência está fazendo parte das escolas.

Todos concordam que a violência é um fator presente no dia-a-dia das pessoas. A escola, que faz parte desse dia-a-dia, não está imune a esse fator. Para alguns, ela é o espelho que reflete essa violência oriunda da sociedade. O fato é que diante dos acontecimentos que se têm observado nas escolas do mundo inteiro, fica claro que toda a comunidade escolar pode ser percebida como sujeitos e objetos dessa violência que se processa no interior da escola.

A escola se apresenta, para muitos alunos, como o único espaço de socialização em sua vida; diante disso, “perde-se o sentido da função da escola – de trabalhar o conhecimento – destacando-se o seu papel de convivência entre amigos, de onde surgem os grupos formados pelas identificações e empatias” (DAYRELL, 2007, p 1111).

As aulas nem sempre se desenvolvem de forma atraente para os alunos, que já não estão pré-dispostos a participar e, para quem, estar fora da sala de aula com seus colegas lhes parece mais aproveitável. Para esses alunos, o pátio da escola oferece a liberdade e a sala de aula representa uma prisão. Como não podem estar fora, com seus pares desfrutando da liberdade, permanecem na sala de aula apresentando comportamentos indesejáveis que podem gerar desde pequenos gestos de indisciplina até a violência nas suas mais variadas formas.

Ao refletir sobre o que tem acontecido nas escolas, percebe-se que o clima escolar não vem sendo muito favorável; afinal, não se pode deixar de considerar as diferenças ou desequilíbrios entre as condições daqueles que supostamente deveriam ser iguais. Normalmente, os ditos mais fortes subjagam os mais fracos, provocando fenômenos de assédio, hostilidades e maus tratos; é comum perceber em sala de aula, as piadinhas de mau gosto, as explorações em tarefas e atividades, enfim, um descompasso nas relações interpessoais.

Assim sendo, é importante procurar uma intervenção para resolver os conflitos através do diálogo; dessa maneira, as pessoas envolvidas acabam por melhorar o clima de convivência, prevenindo as atitudes violentas que podem desencadear os conflitos se não forem devidamente trabalhados. Dessa forma o

preparo dos professores durante as coordenações, onde ocorre a formação continuada, é de suma importância para minimizar os conflitos.

1.2 – A formação continuada de professores

A escola é uma instituição social, que forma, além do cidadão, o profissional do futuro. É inegável que o fato de se viver atualmente na sociedade da informação e do conhecimento, vem provocando mudanças rápidas nos valores e padrões sociais. O professor, é responsável pela formação para a cidadania, portanto, precisa acompanhar essas mudanças, pois as mesmas, com certeza terão impacto sobre a sua prática.

O professor precisa tomar consciência de que esse processo se tornará presente ao longo de toda a vida profissional, o que o torna capaz de enriquecer a sua prática, e propiciar mudanças a nível curricular e até organizacional da escola .

Entre os autores que debatem a questão da educação na sociedade contemporânea, Libâneo (2004, p.227) considera que:

O termo formação continuada vem acompanhado de outro, a formação inicial. Formação inicial refere-se ao ensino de conhecimentos teóricos e práticos destinados à formação profissional, completados por estágios. A formação continuada é o prolongamento da formação inicial, visando o aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional.

Para esse autor não basta concluir um curso de licenciatura e partir para a prática pedagógica, sem mais se preocupar com a formação acadêmica. Ao contrário, é preciso ter a consciência de que esta formação não acaba com a formatura e sim, fará parte de toda a sua trajetória profissional. No caso do Distrito Federal, após a conquista do horário em turno contrário para as reuniões pedagógicas, essa formação acontece dentro do espaço de trabalho, são destinadas 10 horas semanais e é de responsabilidade do coordenador pedagógico conduzi-la.

Muitas vezes os estudantes de cursos de licenciatura, e até colegas de profissão apontam grande dificuldade e resistência para investir esforços na formação continuada. Porém é preciso entender que, essa resistência é provocada, no caso dos docentes mais antigos na profissão, por um movimento sócio-histórico, onde o professor

não era visto como produtor de conhecimento, e sim como mero reprodutor de atividades ligadas a um currículo que não favorecia ao desenvolvimento do pensamento crítico, ou sobre os conteúdos trabalhados. Não havia prática reflexiva, ou a busca por saberes e conhecimentos como se tem a liberdade de fazer nos dias atuais.

Perrenoud (1999, p.72), afirma que:

A reflexão possibilita transformar o mal-estar, a revolta, o desânimo, em problemas, os quais podem ser diagnosticados e até resolvidos com mais consciência, com mais método. Ou seja, uma prática reflexiva nas reuniões pedagógicas, nas entrevistas com a coordenação pedagógica, nos cursos de aperfeiçoamento, nos conselhos de classe, etc...- leva a uma relação ativa e não queixosa com os problemas e dificuldades.

Portanto é preciso conhecer um pouco mais sobre como essa formação docente se deu no país, verificar a influência das legislações educacionais, no incentivo ou não a essas práticas, e o que fazer para vencer a inércia e investir efetivamente na formação continuada, visando dentre outros fatores a melhoria da qualidade da educação ministrada.

A partir da década de 80, ocorreram profundas transformações sociais no Brasil, entre elas, o questionamento do regime militar que havia se instaurado no Brasil na década de 60 do século XX. No campo educacional, rompeu-se com o pensamento tecnicista que comandou a prática pedagógica durante os vinte anos da ditadura. Com isso, evidencia-se a discussão acerca da formação do educador, levando em consideração o seu caráter sócio-histórico, pois percebeu-se que este profissional precisava estar a par de sua realidade, para começar então, o processo de transformação da escola, que se faria presente posteriormente em toda a sociedade. Começa aí o processo de democratização escolar, que inicia seu processo de transformação em espaço de construção coletiva.

Inicia-se também, a luta pela formação do educador, que até então, era negligenciada pela escola tecnicista, fruto de uma sociedade marcada pelas influências capitalistas, e que favorecia a desigualdade e exclusão social, colocando a educação de qualidade como uma realidade para poucos favorecidos sociais, o que mantinha o status quo da classe dominante, em detrimento das classes populares; maioria da população que enfrentavam o desemprego e a exploração, sem chances de melhorar suas condições de vida, pois não se formava para a cidadania.

Embora a década de oitenta represente um marco nas mudanças de pensamento educacional, percebe-se também que a prática pedagógica da época é conteudista o que provocou um certo abandono dos debates acerca da prática reflexiva do trabalho docente, bem como do processo de democratização da escola, pois um trabalho centrado no conteúdo não favorece o desenvolvimento da formação do educando como um todo.

Chegou-se então a década de noventa, denominada “Década da Educação” a formação de professores ganha uma importância em função das reformas educativas, através da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, que alicerçavam as reformas políticas do país. O Governo Federal destina incentivo financeiro as escolas públicas, bem como determina a criação do sistema Nacional de Educação a Distância com a intenção de facilitar ao professor o acesso a formação continuada, além da distribuição de equipamentos pedagógicos para as escolas; inicia a reforma curricular e a faz distribuição de livros didáticos, tudo isso visando a melhoria da qualidade da educação no país.

A formação continuada é um fator de extrema importância para que isso ocorra no país, pois ela favorece não somente esse fator, como também articula formação inicial, melhoria nas condições de trabalho, salário e da carreira.

Demo (1994, p. 54) propõe:

- a) Capacidade de pesquisa para corresponder desde logo ao desafio construtivo do conhecimento, o que transmite em sala de aula tem que fazer parte do processo de construção do conhecimento assumir textura própria em termos de mensagem, configurar componente de projeto autônomo criativo e crítico.
- b) Elaboração própria para codificar pessoalmente o conhecimento que consegue criar e variar favorecendo a emergência do projeto pedagógico próprio.
- c) Teorização das práticas...
- d) Formação permanente.
- e) Manejo da instrumentalização eletrônica...

De acordo com o que foi abordado acima, Demo (1993) acredita que o professor atual precisa ser autônomo, criativo, crítico e transformador, um profissional que se preocupe em buscar novos fazeres e novas práticas para o futuro. Para ele:

O que se espera do professor já não se resume ao formato expositivo das aulas, a fluência vernácula, à aparência externa. Precisa centralizar-se na competência estimuladora da pesquisa, incentivando com engenho e arte a gestão de sujeitos críticos e autocráticos, participantes e construtivos.
(DEMO, 1993, p. 13)

Do ponto de vista legal, pode-se levar em conta a LDB anterior, a Lei 5692/71 e a LDB atual 9394/96.

A LDB 5692/71, foi promulgada em meio ao Golpe Militar. Esta Lei contribuiu para o tecnicismo na educação do país. Em seu Capítulo V, a lei aponta o que se deseja dos professores e especialistas da educação. No texto, fica estabelecido a formação mínima exigida para o exercício do magistério nos ensinos de 1º e 2º graus, nomenclatura adotada para referência a esses níveis de ensino na época.

O Art. 38 da referida lei, determina que:

Os sistemas de ensino estimularão, mediante planejamento apropriado, o aperfeiçoamento e atualização constantes dos seus professores e especialistas em Educação. (BRASIL, 1971, p.6)

Embora o artigo estivesse presente na lei, poucas ações efetivas ocorreram acerca do investimento nesta formação, até porque, a lei não aponta formas de se efetivar essa formação na prática. Posteriormente essa Lei foi substituída pela que está em vigor atualmente – LDB 9394/96.

A referida lei, fala sobre a formação continuada:

Art. 63, § III “- programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis.

Art. 67 - Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público.

§ II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;

§ V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho. (BRASIL, 1996, p.21)

Ou seja, a Lei 9394/96, além de incentivar os docentes a investir em sua formação continuada, assegura aos mesmos melhoria das condições de trabalho, bem como nas condições de vida desse profissional.

Embora exista respaldo legal para que desenvolva a formação continuada de professores no Brasil, é preciso comparar essa prerrogativa legal, com a realidade diária dos professores de Educação Básica do país. O professor brasileiro precisa ser horista para sobreviver, o que diminui sensivelmente suas possibilidades de tempo e recurso financeiro para tal investimento. Isso ocorre em outros Estados, pois o DF já está a frente disso oferecendo 10 horas semanais para a formação continuada de seus

professores; além de possuir uma Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação – EAPE - destinada a esse fim.

Existem também aqueles profissionais que, por uma questão de formação sócio-histórica, não veem necessidade em se atualizar, pois acreditam que sua prática docente é eficaz, porém este mesmo profissional coloca dificuldades na relação professor - aluno, alegando que os mesmos são indisciplinados e desinteressados.

Os estudantes hoje convivem com computadores, vídeo-games, internet, utilizam a linguagem virtual, que se distingue da linguagem culta, pois foi criada para ser utilizada no ciberespaço, e além do fato de, a todo instante, estarem sendo bombardeados por informações visuais, sonoras e escritas.

Portanto cabe ao profissional de educação, buscar atualização constante para acompanhar e orientar seus alunos no consumo das tecnologias, e principalmente, para cumprir a importante tarefa de transformar informação em conhecimento.

Os professores em sua função, precisam preparar seus alunos para a cidadania e principalmente para utilizarem estas recursos tecnológicos em prol do seu bem estar social, pessoal e profissional.

Para isso, os mesmos precisam investir em um processo de atualização constante, pois cabe a este profissional orientação para o uso consciente de recursos tecnológicos, bem como, educar para sustentabilidade o que envolve conscientizar a todos, para que se faça o uso racional dos recursos naturais do planeta, entre outros assuntos urgentes na sociedade.

Sabe-se que é difícil para alguns profissionais investirem em sua formação por conta de todos os fatores acima abordados. Porém se faz necessária a tomada de consciência desse profissional, acerca da sua importância na orientação das gerações mais novas no que se refere a formação para a cidadania.

Demo (1996, p. 273), afirma que:

Para encarar as competências modernas, inovadoras e humanizadoras, [o educador] deve impreterivelmente saber reconstruir conhecimentos e colocá-lo a serviço da cidadania. Assim, professor será quem, sabendo reconstruir conhecimento com qualidade formal e política, orienta o aluno no mesmo caminho. A diferença entre professor e aluno, em termos didáticos, é apenas fase de desenvolvimento, já que ambos fazem estritamente a mesma coisa. (...) Neste sentido, o professor não será mais profissional de ensino, mas da educação, pois o primeiro tende a ser instrução, treinamento, domesticação, enquanto a segunda busca a ambiência emancipatória.

Portanto, é preciso ver oportunidades, em vez de dificuldades. Em termos políticos e de legislação, alguns avanços foram conquistados pelos educadores, que além dos já citados anteriormente, hoje se conta também com os Parâmetros Curriculares Nacionais, diretrizes curriculares nacionais para a educação básica, para a educação superior, para educação infantil, educação de jovens e adultos, educação profissional e tecnológica, avaliação do SAEB - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, Exame Nacional de Cursos (Provão), ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio, descentralização, FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, Lei da Autonomia Universitária, novos parâmetros para as Instituições de Ensino Superior, são medidas que muito favorecem a uma reforma educativa, bem como, servem de incentivo para que o professorado invista em sua formação, abrindo assim caminho para novas políticas de formação, financiamento e gestão mais justa de recursos, para que os mesmos atendam as reais necessidades da educação nacional.

Essas medidas buscam a melhoria da qualidade de educação, pois isso tornará os professores além de profissionais mais qualificados, pessoas prontas para o pleno exercício de sua função.

1.3 - O papel do coordenador pedagógico

Dentro das inúmeras mudanças que ocorrem na sociedade, atual a escola como instituição de ensino e de práticas pedagógicas enfrenta muitos desafios que comprometem a sua ação frente às exigências que surgem. Assim, os profissionais, que nela trabalham, precisam ter uma formação cada vez mais ampla, promovendo o desenvolvimento das capacidades de seus atores.

Para tanto, torna-se necessária a presença de um coordenador pedagógico consciente de seu papel, da importância de sua formação continuada e da equipe docente, além de manter a parceria entre pais, alunos, professores e direção. Segundo Almeida (2006), cabe ao coordenador “acompanhar o projeto político pedagógico, formar professores, partilhar suas ações, também é importante que compreenda as reais relações dessa posição”.

As relações interpessoais permeiam a prática do coordenador que precisa articular as instâncias escolar e familiar sabendo ouvir, olhar, e falar a todos que buscam a sua atenção, por isso, se faz necessário um profissional que vai além de sua função e está sempre atento as relações interpessoais buscando a interação entre todos dentro do espaço escolar.

O coordenador pedagógico é peça fundamental dentro da escola, pois, este deve buscar integração dos envolvidos no processo ensino e aprendizagem mantendo as relações interpessoais de maneira saudável, valorizando a sua formação e a do professor e desenvolvendo habilidades para lidar com as diferenças com o objetivo de ajudar efetivamente na construção de um espaço que favoreça a aprendizagem.

Tendo a prática e o olhar de coordenador pedagógico como objeto percebe-se que há um desafio de construir um perfil profissional e delimitar seu espaço de atuação. A contribuição desse profissional para a melhoria da qualidade da escola e das condições de exercício profissional dos professores dependerá do sucesso alcançado nesta tarefa. Tomo emprestadas as palavras de Fonseca (2001, p.7), aplicando-as à necessidade do papel na escola que deve ser:

Ser um instrumento de transformação da realidade, resgatar potência da coletividade, gerar pela esperança, gerar solidariedade e parceria, ser um canal de participação efetiva superando as práticas autoritárias e/ou individualista ajudando a superar as imposições ou disputas de vontades individuais, na medida em que há um referencial construído e assumido coletivamente. Aumentar o grau de realização, e portanto, de satisfação de trabalho. Colaborar na formação dos participantes.

Desta forma, o coordenador pedagógico estará agindo como ator social, agente facilitador e problematizador do papel docente, primando pelas intervenções e encaminhamentos mais viáveis ao processo de ensino e aprendizagem.

São muitos os desafios encontrados todos os dias na jornada de trabalho do coordenador pedagógico. Este profissional infelizmente ainda perde muito do seu tempo com questões burocráticas que muitas vezes não são de sua alçada e/ou servindo de “tampa buraco” e muitas vezes vai para casa com sensação de fracasso. Mas mesmo com todas essas dificuldades é necessário persistir e seguir em frente.

Um coordenador pedagógico atuante precisa ir além do conhecimento teórico, pois, para acompanhar o trabalho pedagógico e estimular os professores é preciso

percepção e sensibilidade para identificar as necessidades dos alunos e professores, tendo que se manter sempre atualizado buscando fontes de informação e refletindo sobre sua prática. Partindo deste pensamento ainda se faz necessário destacar que o trabalho deve acontecer com a colaboração de todos, assim o coordenador deve estar preparado para mudanças e sempre pronto a motivar sua equipe Fonseca (2001).

É comum encontrar professores desestimulados reclamando sobre dificuldades como “alunos que não querem nada”, sobrecarga, falta de condições de trabalho, indisciplina, violência, enfim, são diversos os fatores que levam esses profissionais a se sentirem desestimulados. Daí se faz necessário um coordenador que possa estar pronto para ouvir e buscar formas de facilitar o trabalho destes profissionais Fonseca (2001).

CAPÍTULO II

METODOLOGIA DE PESQUISA:

Nesta fase da pesquisa, descreve-se o caminho a ser percorrido para o alcance dos objetivos deste estudo que foram: analisar como o trabalho do coordenador pedagógico, junto aos professores, pode minimizar a indisciplina na escola; bem como verificar como a formação continuada, promovida pelos coordenadores pedagógicos pode ajudá-los na mediação dos problemas de indisciplina e apontar as principais causas da indisciplina na escola pesquisada. Para tanto, o percurso metodológico seguiu o seguinte desenho de pesquisa: a pesquisa foi do tipo descritiva, de cunho qualitativo para explicitar e proporcionar maior entendimento sobre a indisciplina no local pesquisado, além disso objetiva-se também maior entendimento sobre a mediação dos problemas disciplinares. A pesquisa foi realizada em uma escola do Paranoá, no Distrito Federal com a utilização do questionário para a coleta de dados, aplicado a 12 professores e 2 coordenadores sendo, 6 professores do turno matutino e 6 professores do turno vespertino. Como destaca Gonsalves (2001) trata-se, nesta etapa, de evidenciar a aproximação entre pesquisador, objetivo de estudo e forma de abordagem.

De acordo com os objetivos da investigação expostos acima, pretendeu-se realizar uma pesquisa descritiva, de cunho qualitativo, que possibilite uma compreensão da melhor forma de atuação do coordenador na formação continuada, junto aos professores.

2.1 – CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola do Paranoá, no Distrito Federal que foi reinaugurada em 1998. Era conhecida anteriormente como “escola de lata” ou “carandiru” devido à presença constante de atos violentos por parte dos alunos. A escola funciona nos turnos matutino e vespertino para anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano). É uma escola inclusiva, considerada modelo, sendo seus alunos portadores das mais variadas necessidades especiais. Atende, em média, no diurno, 1200 alunos na faixa etária de 10 a 17 anos no ensino regular e estes residem

no Paranoá ou em Itapoã (próximo ao Paranoá). Conta-se com 20 turmas pela manhã e 20 a tarde, sendo 2, uma em cada turno, de ensino especial. A equipe pedagógica para atender aos dois turnos, é composta por, 1 diretor e vice-diretor, 40 professores, 1 monitor, 2 professores da sala de recurso, 4 coordenadores, 2 supervisores pedagógicos, 2 orientadores educacionais, 1 psicóloga, 2 secretários, 1 assistente administrativo, 16 servidores, 10 merendeiros.

A partir do estudo sobre as principais causas de indisciplina a fim de promover estratégias didático-pedagógicas que melhorem sua compreensão e o seu enfrentamento na escola, esta pesquisa foi realizada em uma escola do Paranoá, no Distrito Federal que foi reinaugurada em 1998. Era conhecida anteriormente como “escola de lata” ou “carandiru” devido à presença constante de atos violentos por parte dos alunos. A escola funciona nos turnos matutino e vespertino para anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano). É uma escola inclusiva, considerada modelo, sendo seus alunos portadores das mais variadas necessidades especiais. Atende, em média, no diurno, 1200 alunos na faixa etária de 10 a 17 anos no ensino regular e estes residem no Paranoá ou em Itapoã (próximo ao Paranoá). Conta-se com 20 turmas pela manhã e 20 a tarde, sendo 2, uma em cada turno, de ensino especial. A equipe pedagógica para atender aos dois turnos, é composta por, 1 diretor e vice-diretor, 40 professores, 1 monitor, 2 professores da sala de recurso, 4 coordenadores, 2 supervisores pedagógicos, 2 orientadores educacionais, 1 psicóloga, 2 secretários, 1 assistente administrativo, 16 servidores, 10 merendeiros.

2.2 – PARTICIPATES DA PESQUISA

A escola escolhida para a realização da pesquisa — possui muitas ocorrências disciplinares, portanto é necessário identificar as causas da indisciplina e apontar possíveis soluções com o objetivo principal da melhoria da qualidade do ensino ofertado à comunidade.

A pesquisa foi realizada nos turnos matutino e vespertino, não sendo necessário interromper as aulas ou alterar a rotina da escola; pois os questionários foram aplicados durante as reuniões de coordenação pedagógica, na sala destinada a essas reuniões tanto para os professores quanto para os coordenadores.

No que diz respeito ao corpo docente, dos quarenta professores, de diferentes disciplinas, que atuam na escola, foram selecionados doze professores, 6 de cada turno de diferentes disciplinas, uma vez que o objetivo foi identificar as principais causas de indisciplina nesta instituição de ensino. O principal critério estabelecido para a seleção dos professores que constituíram o trabalho foi o de não serem professores com número maior de ocorrências disciplinares, de modo a identificar quais são suas principais dificuldades e como a forma de atuação destes professores minimiza o número de ocorrências. A escolha levou em consideração, ainda, os critérios estabelecidos na Resolução nº196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre pesquisas que envolvem seres humanos, e considera, entre outras decisões, a necessidade de se obter o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, conforme segue:

II.11 – Consentimento livre e esclarecido – anuência do sujeito da pesquisa e/ou de seu representante legal, livre de vícios (simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação, após explicação completa e pormenorizada sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, autorizando sua participação voluntária na pesquisa. (BRASIL, 1996, p.2)

Considerou-se um número representativo para a presente investigação um total de doze professores e 2 coordenadores, o que corresponde a um terço do quadro total da escola. Em função disso, em termos do rigor científico com que se objetivou-se realizar a presente investigação, compreende-se que o corpo selecionado para a pesquisa é considerado representativo por atender às exigências e critérios estabelecidos para a presente análise.

2.3 - INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS

Quanto aos procedimentos, foi realizada pesquisa de campo através de questionário aplicado aos professores e aos coordenadores, pelo qual a pesquisadora teve a possibilidade de perceber e estudar as causas da indisciplina a fim de minimizar o problema, conforme Marconi e Lakatos (2002).

O questionário foi aplicado no período de coordenação do professor para não alterar a rotina da escola. Os dados foram sistematizados em tabelas e gráficos para facilitar a sua análise.

2.4- PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O questionário possui 6 questões objetivas e uma subjetiva. O instrumento de coleta de dados foi validado por dois professores que o responderam antes da pesquisa ser iniciada para que houvesse a possibilidade de mudança nas questões e para verificar se os objetivos propostos seriam alcançados. Após a validação, não houve a necessidade de alteração e os mesmos foram aplicados.

Os questionários foram aplicados entre os dias 15 de Março e 11 de Abril de 2013, em estudo empírico realizado através de pesquisa de campo, aos professores e coordenadores participantes da pesquisa juntamente com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A aplicação dos questionários foi demorada devido a resistência de alguns professores em respondê-lo. Vários deles demoraram mais de uma semana para devolver o questionário respondido, alegando falta de tempo para fazê-lo. Os professores com menor tempo de atuação na Secretaria de Educação do DF foram mais receptivos e deram retorno mais rapidamente. Não foram avaliados os motivos pelos quais os professores foram resistentes a participar da pesquisa.

2.5 – PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados foi feita a partir da leitura, transcrição e tabulação das respostas. A tabulação foi feita em planilhas e gráficos para melhor visualização dos resultados.

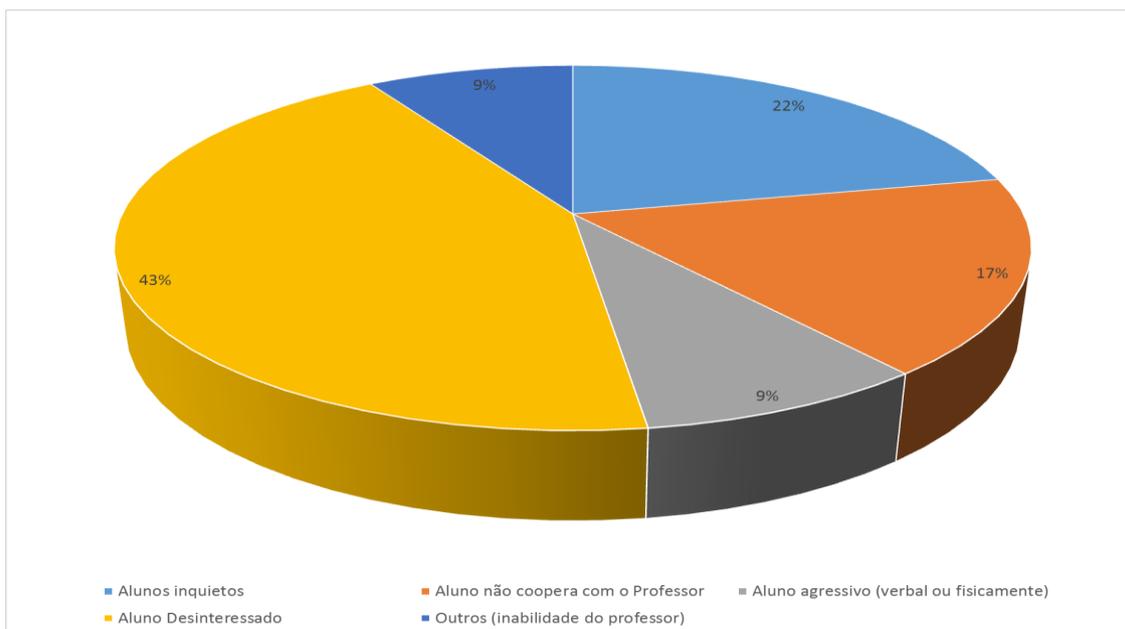
CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De modo geral, a indisciplina apresenta-se como um importante obstáculo no processo de ensino-aprendizagem, prejudicando o exercício da função docente e o aproveitamento dos conhecimentos ministrados por parte dos alunos. Esta tem sido uma preocupação constante entre os educadores e tem mobilizado a comunidade escolar em geral, tornando-se o principal foco de debate na escola pesquisada.

Contudo, embora conheçamos algumas dificuldades decorrentes da indisciplina, pairam no ar muitas dúvidas a respeito de sua origem, causa e tratamento. Surge então a necessidade de analisar os dados coletados para dar início a nortear o trabalho pedagógico.

A análise dos dados foi feita através dos resultados obtidos após leitura, transcrição e tabulação das respostas, sem identificação dos pesquisados. Esses dados foram tabulados e disponibilizados em tabelas, gráficos, e comentários com base na literatura.



Quanto as principais causas da indisciplina em sala de aula, 43% dos respondentes apontaram para o aluno desinteressado como causa principal. Em segundo lugar veio o aluno inquieto com 22%, em terceiro com 17% falta de cooperação do

aluno e empatados com 9% foram aluno agressivo e em outros também com 9% veio a inabilidade do professor em lidar com o aluno em sala.

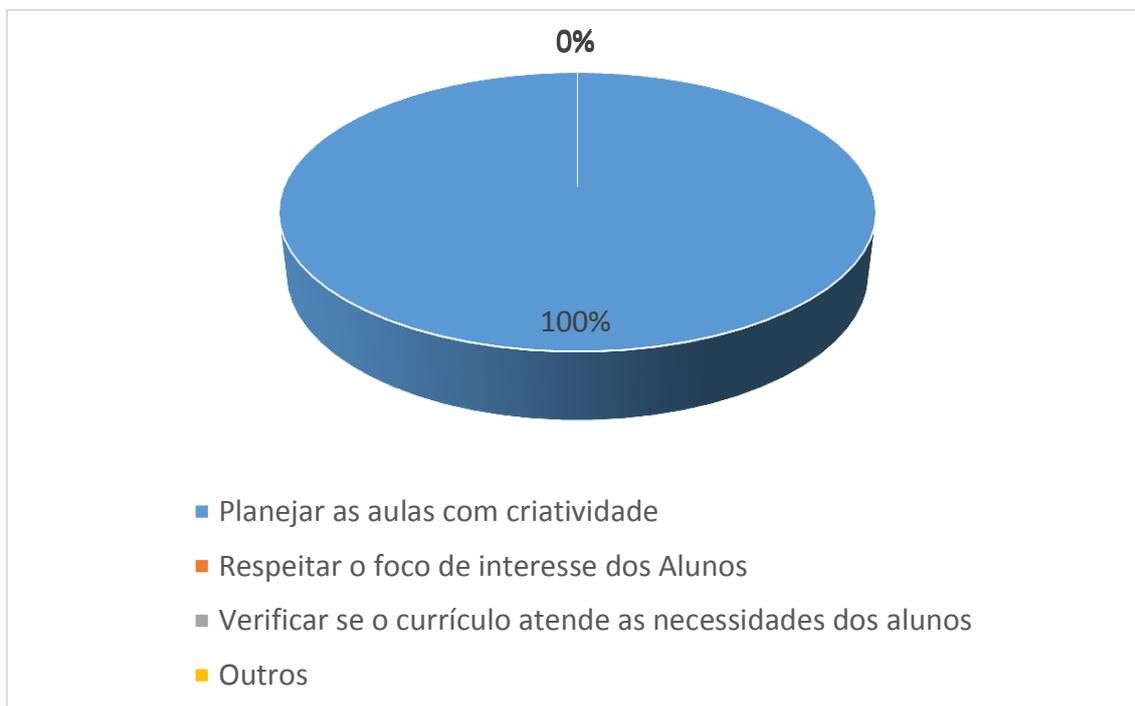
A análise indica que cada professor tem um olhar diferenciado sobre um determinado problema. Eu posso encontrar um problema num certo acontecimento, enquanto outro nem consegue perceber como problema e sim como um fato acontecido sem consequência alguma. Por fazer parte da equipe pedagógica e dialogar com todos os professores, percebemos seguidamente estes diferentes olhares.

Nesta situação, o que se percebe é que a paciência e a tolerância andam muito longe de alguns professores, e estas qualidades são essenciais para que consigam desempenhar bem suas funções.

Ao definir objetivos de aprendizagem, apresentar a informação, propor tarefas, avaliar a aprendizagem e exercer o controle e a autoridade, os professores do grupo pesquisado criam ambientes que afetam a motivação e a aprendizagem. Em consequência, se queremos motivar nossos alunos, precisamos saber de que modo nossos padrões de atuação podem contribuir para criar ambientes capazes de conseguir que os alunos se interessem e se esforcem por aprender e, em particular, que formas de atuação podem ajudar concretamente a um aluno, de acordo com Tapia (2003).

Sabemos que na motivação está também incluído o ambiente que estimula o organismo e que oferece o objeto de satisfação. Uma das grandes virtudes da motivação é melhorar a atenção e a concentração, nessa perspectiva pode-se dizer que a motivação é a força que move o sujeito a realizar atividades. Ao sentir-se motivado o indivíduo tem vontade de fazer alguma coisa e se torna capaz de manter o esforço necessário durante o tempo necessário para atingir o objetivo proposto. A preocupação do ensino tem sido a de criar condições tais, que o aluno "fique a fim" de aprender. Diante desse contexto percebe-se que a motivação deve ser considerada pelos professores de forma cuidadosa, procurando mobilizar as capacidades e potencialidades dos alunos, conforme Abramovay (2004). Motivar passa a ser, também, um trabalho de atrair, encantar, prender a atenção, seduzir o aluno, utilizando o que a criança gosta de fazer como forma de engajá-la no ensino. Propiciar a descoberta. O aluno deve ser desafiado, para que deseje saber, e uma forma de criar este interesse é dar a ele a possibilidade de descobrir e desenvolver uma atitude de investigação, uma atitude que garanta o desejo mais duradouro de saber, de querer saber sempre. Desejar saber deve passar a ser um estilo

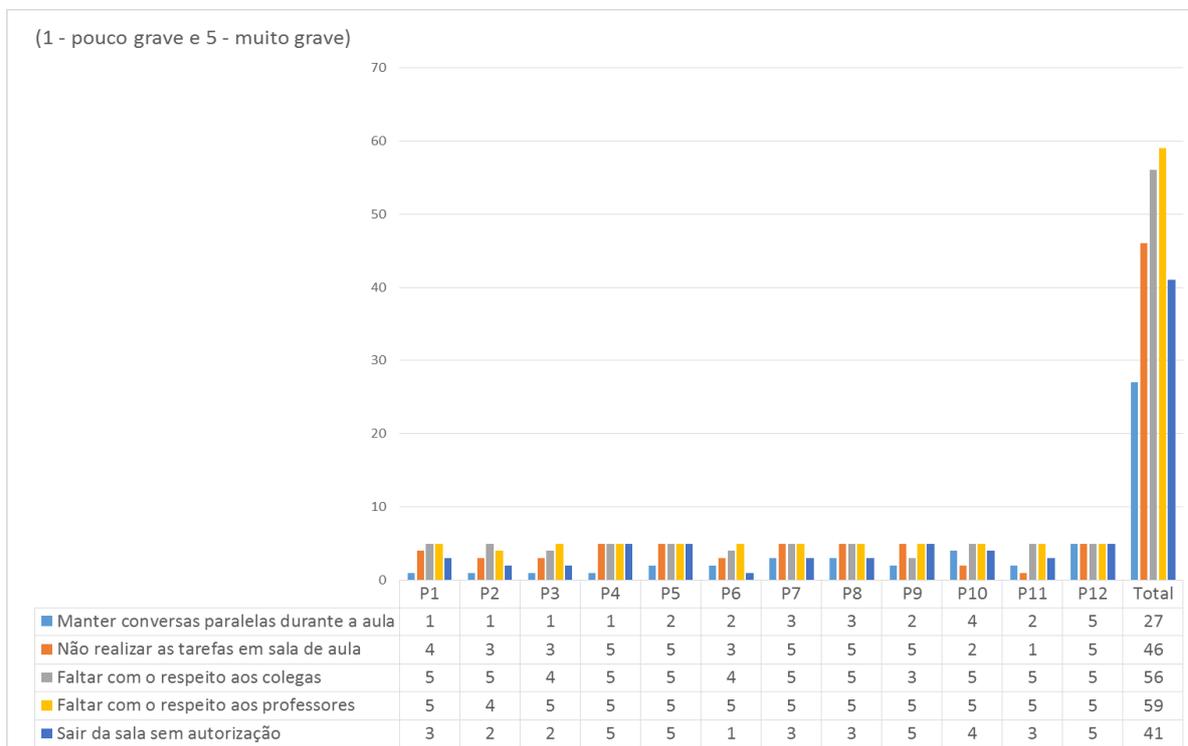
de vida. Essa atitude pode ser desenvolvida com atividades muito simples, que começam pelo incentivo à observação da realidade próxima ao aluno.



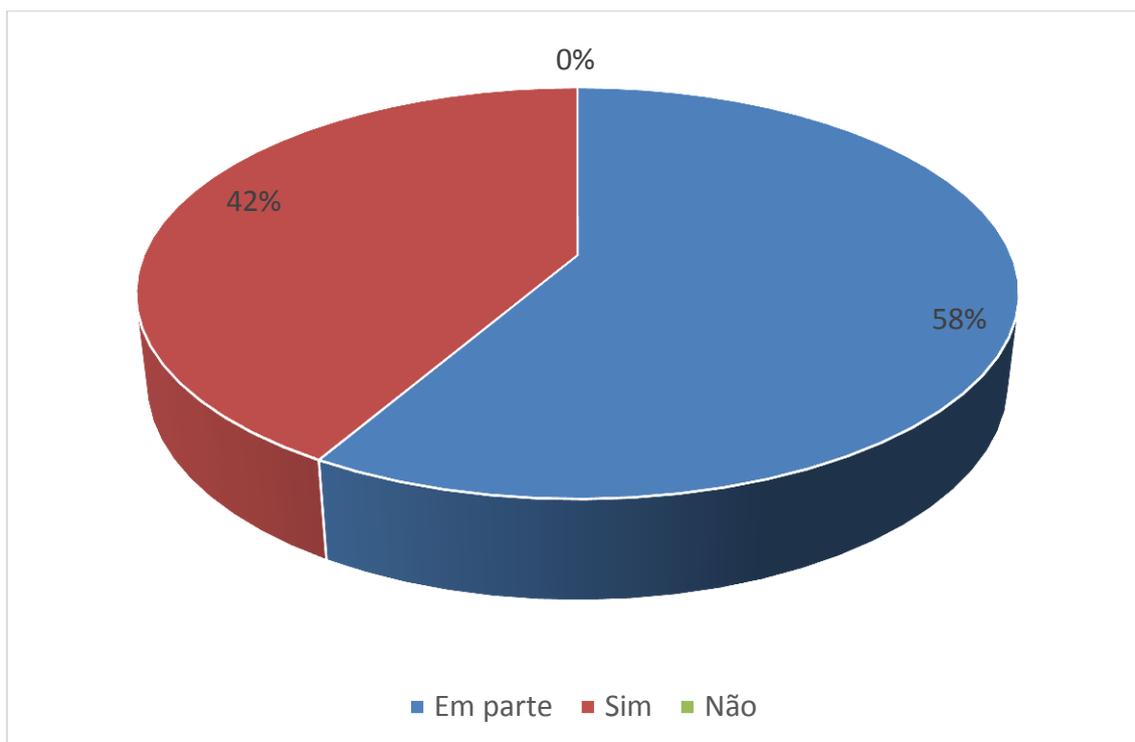
Para os 100% o que eles consideram que podem fazer para amenizar a indisciplina em sala de aula é planejar suas aulas com criatividade. Esse resultado é muito interessante, pois mostra a responsabilidade do professor diante da indisciplina e do desinteresse do aluno.

Diante disto precisamos repensar a nossa prática pedagógica e permitir, dentro de nós mesmos, a mudança, o reconhecimento de que algo está errado; de que algo está acontecendo e que devemos fazer alguma coisa imediatamente para reparar o que está errado. É preciso que haja reflexão para entender porque os alunos estão se afastando da escola e aceitar a possibilidade de que os mesmos podem não estar encontrando lá o que mais precisam. Faz-se necessário que se abram as portas e as janelas da escola e do íntimo de cada profissional da educação, e deixar que os alunos se manifestem e mergulhem profundamente naquilo que eles realmente necessitam. É nesse momento de reflexão e reformulação da prática pedagógica que o coordenador pedagógico é fundamental, pois é ele que deve dar o “ponta pé” inicial para que essa mudança aconteça

Devemos estudar, rever as metas, objetivos, planejar , avaliar e buscar formas de motivação, pois só uma boa e grandiosa motivação pode mudar a situação da desmotivação e desinteresse dos nossos alunos Antunes (2002).

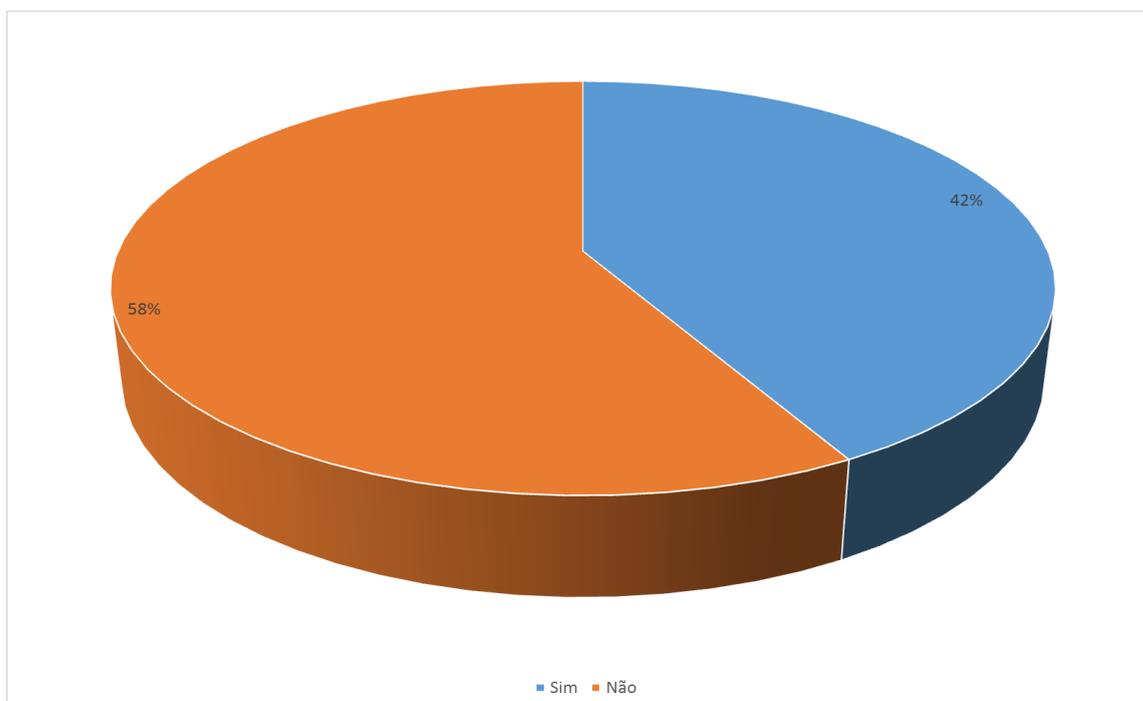


Quando perguntados sobre o tipo de comportamento dos alunos, o que foi considerado mais grave, foi o desrespeito ao professor. Seguido de, faltar com respeito aos colegas, não realizar tarefas em sala, sair da sala sem autorização e por fim manter conversas paralelas. Nessa questão é inevitável mencionar o papel da família na educação. A maioria dos problemas que se verificam na relação professor-aluno tem origem, incontestável, na educação que receberam dos pais ou responsáveis e, conseqüentemente, na ausência de noção de limites Abramovay (2002). O resultado da omissão e complacência de alguns pais para com os desvios de conduta dos filhos aparece em especial no ambiente escolar. O contato insuficiente das crianças com seus responsáveis revela-se em uma inteira falta de noção de respeito a regras e limites, que se reproduzem tal qual em casa – se não em maior proporção – em sala de aula, diante de colegas e professores.



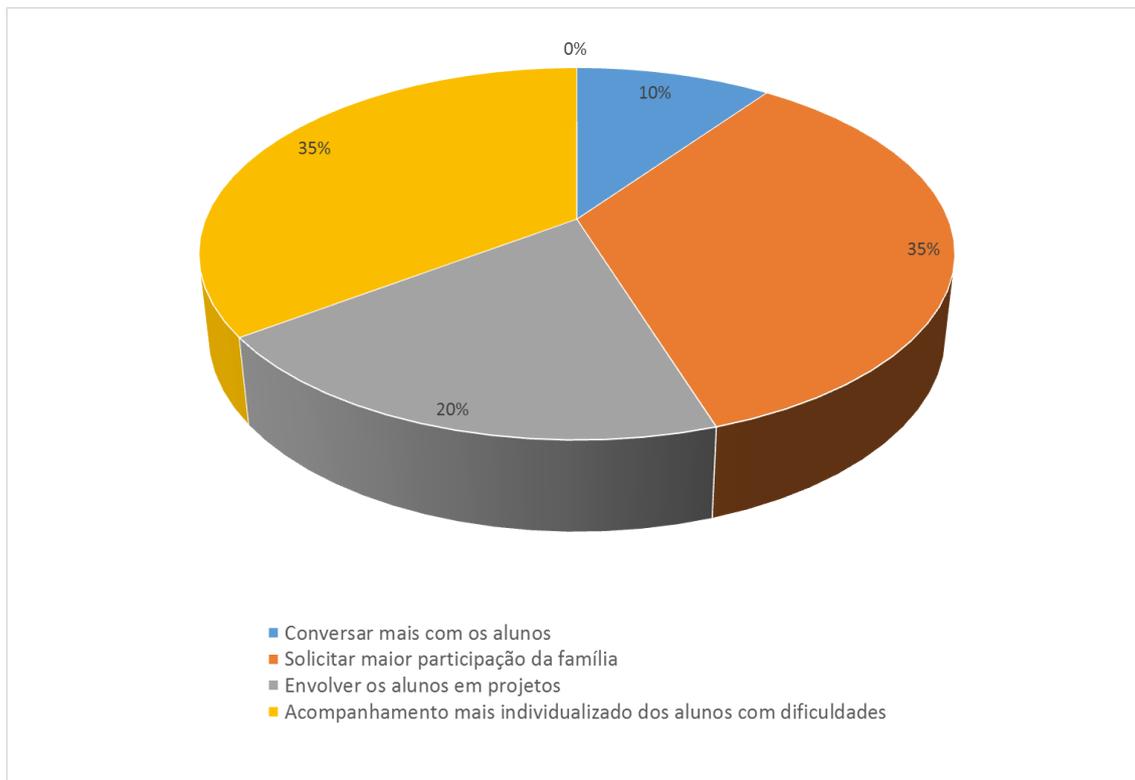
Ao perguntar aos professores, se eles se sentem preparados profissionalmente para lidar com as questões indisciplinadas em sala de aula, 58% diz em parte e 42% se sente preparado. Este resultado nos mostra como é fundamental o trabalho do coordenador pedagógico na formação continuada dos professores.

O coordenador deve sempre ir além do conhecimento teórico, pois para acompanhar o trabalho pedagógico e estimular os professores é preciso percepção e sensibilidade para identificar as necessidades dos alunos e professores, tendo que se manter sempre atualizado, buscando fontes de informação e refletindo sobre sua prática, com esse pensamento ainda é necessário destacar que o trabalho deve acontecer com a colaboração de todos, assim o coordenador deve estar preparado para mudanças e sempre pronto a motivar sua equipe Fernandes (2007). Dentro das diversas atribuições está o ato de acompanhar o trabalho docente, sendo responsável pelo elo de ligação entre os envolvidos na comunidade educacional. A questão do relacionamento entre o coordenador e o professor é um fator crucial para a minimização dos problema disciplinares.



Para 58% dos professores as medidas disciplinares adotadas pela escola não são adequadas, enquanto que para 42% deles elas são adequadas. Diante dessa problemática o corpo docente cobra da direção da escola que esta seja mais rigorosa com esses alunos, muitas vezes cobram a suspensão e até mesmo a transferência do aluno pra outra unidade escolar, como forma de resolver o problema. Esta postura do professor em encaminhar o aluno para a direção, traz uma grande crítica no que diz respeito a família, onde eles responsabilizam os pais por não imporem limites aos seus filhos. Sabemos que em alguns casos esse fato é verídico, porém existem outros fatores determinantes, como por exemplo: crianças que convivem em um ambiente violento, outras foram abandonadas pelos pais, enfim a falta de uma estrutura familiar. É importante que o coordenador junto com a direção trabalhem visando alternativas, e que façam uma avaliação do caso do aluno, antes de tomar qualquer providência. Esses dados são muito importantes para que a direção da escola faça uma reflexão sobre sua conduta no que diz respeito ao campo disciplinar. Para Sobrinho (2010, p. 9) “a escola constitui-se também em um espaço de convivência, pois a ordem, a disciplina, o silêncio cederam espaço à comunicabilidade, à sociabilidade e à interatividade” assim sendo deve haver uma gestão compartilhada de forma que os professores se

comuniquem com a direção fazendo com que os problemas disciplinares sejam resolvidos da forma mais adequada possível.



A sugestão dos professores como medida disciplinar mais adequada ficou dividida da seguinte forma: empatados com 35% ficaram solicitar maior participação dos pais e o acompanhamento mais individualizado do aluno. Com 20% envolver alunos em projetos e os 10% restantes acham que o melhor é conversar mais com os alunos. Fica claro, que a ideia a ser defendida neste caso é a de que há necessidade de um trabalho pautado na reciprocidade e, conseqüentemente, na cooperação, na colaboração de todos os atores do ambiente escolar.

O grupo de respondentes apontou as melhores formas do coordenador pedagógico auxiliá-los diante dos problemas de indisciplina da seguinte forma:

- 9 professores responderam que o coordenador pode auxiliá-los no planejamento de aulas criativas.

- 1 professor respondeu que o coordenador deve conversar com os alunos indisciplinados para mediar o conflito entre as partes e informar a família.
- 2 professores responderam que o coordenador pode orientar os professores sobre a postura mais adequada em sala de aula.
- 1 professores respondeu que o coordenador pode estar mais presente nos corredores da escola.
- 1 professores respondeu que o coordenador pode dar mais suporte pedagógico para o desenvolvimento de projetos que minimizem a indisciplina.

Podemos perceber a necessidade de um trabalho colaborativo entre os professores e o coordenador pedagógico, pois a maioria deles acredita que a melhor forma de minimizar a indisciplina é o planejamento das aulas com criatividade com o auxílio de suporte do coordenador, sendo esse apontamento muito importante pois o professor trás a responsabilidade pela minimização da indisciplina pra si. Dessa forma a ação efetiva do coordenador pedagógico no planejamento, na formação dos professores, na criação de projetos para que os mesmos possam aprimorar a sua prática indica a melhor solução , a fim de minimizar as questões de indisciplina dentro de sala de aula, numa ação conjunta e colaborativa. Apenas 1 professor respondeu que o coordenador pode estar mais presente nos corredores, o que demonstra que o mesmo não reconhece o papel primordial do coordenador, que é formação continuada do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa revelou aspectos peculiares sobre a visão de um grupo de professores e coordenadores, pois a indisciplina seria como um “pano de fundo” de diversas situações, sejam estas vinculadas a práticas pedagógicas, dificuldades de aprendizagem, falta de limites, comunicações e negações feitas por educandos, ou falta de preparação profissional, por exemplo.

A redução da indisciplina é um trabalho que depende de todos os envolvidos no ambiente escolar já que o disciplinamento do aluno é importante para que ele tome consciência do seu comportamento e de sua responsabilidade diante de si e diante de seus colegas. A principal solução para a redução da indisciplina em sala de aula é o planejamento das aulas com criatividade. O acesso à escola e as novas tecnologias não são suficientes para significar a aprendizagem, é essencial também que se tenha interesse na aquisição do conhecimento.

Se o aluno não tiver interesse nessa aquisição de saberes, e não estiver motivado, e o professor não tornar suas aulas atrativas, envolvendo todos os alunos, há uma grande chance do mesmo sentir-se excluído, e acabar sendo rotulado de indisciplinado.

Portanto, é fundamental que a escola busque situações favoráveis ao bem estar do educando e o seu desenvolvimento em todos os sentidos, pois, ela existe em função do mesmo. E o papel do coordenador pedagógico é muito importante para manter um clima de harmonia e de boa aprendizagem, pois sua função os permitem perceber os eventos de indisciplina por um ângulo diferente dos demais sujeitos da escola.

Os professores, nem sempre seguros sobre o que fazer, buscam lidar com o que é visível, ou seja, o ato em si, com o “comportamento inadequado” deixando em segundo plano as causas que geraram tais expressões ou os sentidos da indisciplina. Os professores mais seguros e com menor número de ocorrências disciplinares conseguem enxergar melhor os motivos e as causas da indisciplina, resolvendo mais facilmente os conflitos do dia-a-dia.

Por meio desse estudo constatamos que o coordenador pedagógico é fundamental para a estrutura e funcionamento da escola, pois este profissional é capaz de ver as partes deste quebra-cabeça com suas particularidades, articulando, estruturando e organizando o todo. Ao compreender estas questões o coordenador pedagógico proporcionaria também, subsídios para que outros sujeitos da escola

ampliem suas visões, o que poderia avançar o trabalho com a indisciplina escolar. Dessa forma, esta pesquisa vem a contribuir com o debate científico, apresentando a indisciplina escolar na visão do professor e apontando a melhor forma do coordenador pedagógico contribuir com a sua redução, fornecendo elementos para que a instituição escolar como um todo, amplie sua percepção com relação ao tema abordado.

Vale destacar que a pesquisadora, atua como coordenadora pedagógica nesta escola a 2 anos, buscando sempre as melhores soluções didático-pedagógicas para que se ofereça uma educação de qualidade, pois faz-se mister um novo olhar teórico-prático sobre o contexto da indisciplina, afim de superar a visão comportamentalista na responsabilização pelo seu aparecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera M. N. de Sousa. O coordenador pedagógico e o espaço da mudança. Ed. Loyola, São Paulo, Brasil, 2006.

ABRAMOVAY, Miriam et al. Escola e violência. Brasília: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam et al. Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas. Brasília: UNESCO, Ministério da educação, 2004.

ANTUNES, Celso, Professor bonzinho = aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas. São Paulo: Moderna, 2003.

BRASIL. Presidência da Republica. Lei nº 9394 , 20 de dezembro de 1996. Acessado em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

BRASIL. Presidência da Republica. Lei nº 5692, 11 de agosto de 1971. Acessado em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº196, de 10 de outubro de 1996. Acessado em: <http://www.sbppc.org.br>

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação & Sociedade. [online]. v.28, n.100, p.1105-1128, 2007. <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>

DEMO, Pedro. Educação e Qualidade. Campinas: Papyrus, 1994.

DEMO, Pedro. Desafios Modernos na Educação. Petrópolis: Vozes, 1993.

DEMO, Pedro. Professor: Formação e Profissão. Campinas: Papyrus, 1996.

FANTE, Cleo. Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campina – SP: Verus, 2005.

FERNANDES, Maria José da Silva. O professor coordenador pedagógico, a articulação do coletivo e as condições de trabalho docente nas escolas públicas estaduais paulistas, afinal, o que resta a essa função. Ed. Cadernos ANPAE n. 4. Unesp - Campus, São Paulo, 2007.

FERREIRA, A. B. H. Dicionário Aurélio. 7. Ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FONSECA, J.P. Projeto Pedagógico: processo e produto na construção coletiva do sucesso escolar. São Paulo/SP: Jornal da APASE. Secretaria da Educação. São Paulo. SP. Ano II – Nº. 03, 2001.

GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. Revista Paranaense de Desenvolvimento. Curitiba, n.95, jan/abr.1999. p. 101-108.

GONSALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica. 2ª Ed. São Paulo: Alínea, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática. Goiânia: Alternativa, 2004.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAYECK, Cynara Marques. Refletindo sobre a violência. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I - Número I - Julho de 2009.

MARRIEL, Lucimar Câmara et al. **Violência escolar e auto-estima de adolescentes.** Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli – Claves Escola Nacional de Saúde Pública/Instituto Fernandes Figueira/Fiocruz Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 127, jan./abr. 2006.

SOBRINHO, Antonio Fávero. O aluno não é mais aquele! E agora professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação. 2010.

TAPIA, Jesús A; FITA, Enrique C. A motivação em sala de aula: o que é como se faz. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 2003.

TRAGTENBERG, Maurício. **Relações de Poder na Escola.** Revista espaço acadêmico, ano I n° 7, Dezembro de 2001. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/007/07trag_escola.htm – Acessado em 26 mar. 2012.

TIBA, Içami. Disciplina: o limite na medida certa. São Paulo: Dente, 1996.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Prezado(a) Professor (a),

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa que tem por tema O TRABALHO DESENVOLVIDO PELO COORDENADOR PEDAGÓGICO JUNTO AOS PROFESSORES NA REDUÇÃO DA INDISCIPLINA. Objetiva-se com este trabalho, investigar as causas da indisciplina e analisar o trabalho do coordenador pedagógico, com vistas à minimização da indisciplina no Centro de Ensino Fundamental 01 do Paranoá

Este questionário tem por finalidade coletar dados para a realização de uma pesquisa como exigência de conclusão do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica na modalidade a distância oferecido pela Universidade de Brasília – UnB.

Peço sua colaboração para respondê-lo espontaneamente. Não haverá identificação de suas respostas, pois as informações construídas serão consideradas sigilosas de acordo com as recomendações éticas.

Meus sinceros agradecimentos.
Flaviane Santana Oliveira Midrei
Pesquisadora

Informações gerais:

Tempo de atuação na Secretaria de Estado de Educação: _____

Dê sua opinião nas questões abaixo:

- 1- A principal causa da indisciplina em sala de aula é (pode marca mais de uma alternativa):**
 - a- Alunos inquietos
 - b- Aluno não coopera com o professor
 - c- Aluno agressivo (verbal ou fisicamente)
 - d- Aluno desinteressado
 - e- Outros: _____

- 2- O que o professor pode fazer para amenizar os problemas de indisciplina em sala de aula:**
 - a- Planejar as aulas com criatividade.
 - b- Respeitar o foco de interesse dos alunos.
 - c- Verificar se o currículo atende às necessidades dos alunos.
 - d- Outro motivo: _____

